

ENTRE O ESPAÇO CONCEBIDO E O ESPAÇO VIVIDO: ESTRATÉGIAS E TÁTICAS NA PRAÇA DAS JUVENTUDES, CANOAS/RS*

Cristiano Neves da Rosa^{1, 2, 3}

crisneves_rs@yahoo.com.br

Marco Paulo Stigger³

stigger.mp@gmail.com

¹Rede Municipal de Ensino de Alvorada/RS

²Rede Municipal de Ensino de Gravataí/RS

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O Guajuviras, em Canoas/RS, vem sendo alvo de projetos e programas vinculados à segurança pública em diversas áreas. O Loteamento Pôr-do-Sol é a região que mais recebe investimentos. Este trabalho gira em torno da noção de pessoas como infraestrutura, que enfatiza as práticas de frequentadores e trabalhadores na Praça da Juventude, localizada no Pôr-do-Sol, profundamente implicadas a partir de um espaço concebido como projeção do ser social em um contexto atravessado pela temática da violência.

PALAVRAS-CHAVE

Praça da Juventude, espaço concebido, espaço vivido, pessoas como infraestrutura

INTRODUÇÃO

A Praça da Juventude é um espaço público destinado a atividades culturais, esportivas e de lazer. Criada em 2007 pelo Ministério do Esporte (ME), prevê "levar equipamento esportivo público e qualificado para a população que pudesse, ao mesmo tempo, tornar-se ponto de encontro e referência para a juventude" (BRASIL, ME, 2015).

* A pesquisa conta com financiamento do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (REDE CEDES).



Poliesportiva Coberta, há uma pracinha com 03 balanços e 03 escorregadores. O espaço público conta também com bebedouros e 17 bancos (os conhecidos 'bancos de praça'), localizados em diferentes pontos.

Em um dos acessos possíveis à praça, há uma câmera de monitoramento que permite a visualização de toda a sua extensão. Em diferentes pontos da praça, há placas da prefeitura municipal de Canoas com o seguinte informativo: "Área monitorada por câmeras – Monitorada 24h". Em frente da porta que dá acesso ao prédio administrativo, há uma parede, pertencente ao prédio com o rosto do ex-presidente africano Nelson Mandela coloridamente grafitado.

Apesar de toda esta estrutura de prédio e espaços, esse espaço concebido que se propõe a mediar conflitos, minorar as relações de violências e contribuir com a ampliação da cidadania com oficinas de "fortalecimento do convívio comunitário", parece não dar garantias acerca do que prometeu. No que tange aos recursos humanos, as oficinas de futsal previstas passam por sucessivas descontinuidades provocadas pela ausência de estagiários de Educação Física que ora são deslocados para outros centros esportivos, ora se afastam pela não renovação dos seus contratos, aliado a não celeridade em nova contratação.

No que se refere aos materiais necessários para o trabalho proposto, também não há garantias: numa das observações a estagiária foi vista ministrando aulas de futsal utilizando bolas de handebol³; as aulas de lutas, lecionadas por um professor voluntário, não teve continuidade pois os tatames - retirados da sala de lutas por agentes da prefeitura para cobrir um evento em outro bairro da cidade - jamais foram devolvidos.

A estrutura física da praça também se encontra em ruínas, o que poderíamos demonstrar com vários exemplos: a quadra poliesportiva que está sem iluminação há meses; uma das goleiras da quadra está quebrada, mas se mantém em uso pois foi amarrada com arames pelos jovens com a ajuda do guarda que realiza a segurança patrimonial; os bebedouros que não funcionam; os vestiários têm infiltrações e mofos. No prédio administrativo os pequenos reparos são realizados pela própria gestora local, isso com recursos próprios⁴. O mesmo acontece com o campo de futebol, que é bastante utilizado pelos jovens locais, apesar de também estar em más condições: não possui gramado em quase toda a sua extensão; em dias de chuva o piso de chão batido e esburacado fica tomado por poças de água; as goleiras já não contam mais com redes. A iluminação, que já funcionava parcialmente quando do início da pesquisa, já não funciona da mesma forma.

Mas apesar de todas essas dificuldades, como já dissemos, os jovens utilizam regularmente aquele local, da forma como descreveremos a seguir. Como isso acontece? É o que tentaremos descrever abaixo.

Como já ressaltado nas linhas supracitadas, as práticas na quadra poliesportiva se mantém, haja vista o emprego de ações táticas protagonizada pelos frequentadores: os esforços para arrumar a goleira quebrada que foi amarrada com arames pelos jovens e o guarda; a ausência de iluminação que se perpetua há quase três anos na quadra poliesportiva devido a um curto circuito, durante muito tempo foi minimizada pelos próprios jovens e o guarda através da dedicação para melhorar a iluminação, pelo deslocamento da luz do único refletor que ainda funcionava para iluminar o campo de futebol em direção ao centro da quadra poliesportiva, aliado à adaptação de fios para o fornecimento da energia elétrica necessária para o funcionamento do refletor⁵. Com certa frequência, mutirões entre os jovens e outros habitantes frequentadores da praça são organizados para deixar o campo de futebol em condições de prática. Aterramento dos buracos com areia, pintura das goleiras, capinação dos matos que tomam conta do campo e seu entorno são realizados.

Vimos também tantas outras "maneiras de fazer" (DE CERTEAU, 2018) no sentido da garantia de aproveitamento do local: a (auto)organização do grupo de jovens; o uso de bola de propriedade dos próprios

3 Recordações de campo.

4 Recordações de campo.

5 Desde janeiro de 2019 até a data de envio desse resumo a Praça encontra-se totalmente às escuras, após o furto da fiação e cabos de alta tensão.



jovens, ainda que não raras às vezes as bolas que conseguem para a prática de futsal são “bexigas véias”⁶, que na lógica do sistema esportivo seria inviável a prática com um material em significativa más condições, contudo é o que com certa frequência garante os encontros para os jogos, pois o Centro Administrativo da Praça que deveria dispor de bolas para empréstimo aos frequentadores não dispõe, pois a prefeitura municipal não tem fornecido. Quando pontualmente há bolas novas à disposição, estas são compradas com recursos próprios da gestora local e do guarda ou fruto de doações de moradores que também já aconteceu.

Todas essas ocorrências supracitadas nos chamaram atenção, pois apesar das discontinuidades das ações governamentais e da estrutura física em declínio, as atividades ainda lá acontecem, por conta da ação dos jovens, do guarda e da gestora local. Isso nos conduz a pensar, com Larkin (2013), em outras possibilidades de pensar em infraestrutura:

As infraestruturas não se limitam a “existir”, no sentido positivista. O ato de definir uma infraestrutura é um momento de categorização. Se feito de modo reflexivo, compreende uma analítica cultural que destaca os compromissos epistemológicos e políticos envolvidos na seleção daquilo que é visto como infraestrutural [...] e daquilo que não é (p. 330, tradução minha).

Não é difícil pensar, que muito do que ocorre naquele espaço público se dá a partir das pessoas que acabam por constituir parte da sua *infraestrutura*. É do que trata Simone (2004) quando – a partir de uma etnografia – discorre sobre as práticas na área central da cidade de Johannesburgo, na África do Sul. Ao observar os “declínios” urbanísticos da cidade, o autor põe em relevo que as práticas dos habitantes, suas experiências cotidianas e redes de sociabilidades, constituiu um processo de “reformulação” da área, ao tirar o máximo de proveito dos meios limitados o qual estão posicionados, para recriar a cidade, esquecendo a ideia desta como algo predisposto a partir da noção de “pessoas como infraestrutura”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogando com o tema do Congresso “O que pode o corpo no contexto atual”, salientamos que apesar das discontinuidades, interrupções ou a falta das ações de encargo do governo a partir de um “espaço concebido” não conservado, o “espaço vivido” que se manifesta a partir das práticas com suas táticas e operações, evidenciam movimentos que constituem as “pessoas como infraestrutura” da Praça da Juventude. Essa infraestrutura que transforma o ambiente construído, indica uma potência política que lança luz à distância entre as formas como as pessoas vivem a praça e as estratégias normativas de urbanização da vida pública que se apresentam, correspondendo a dimensão do cotidiano como um não lugar, onde, como coloca em relevo De Certeau (2018, p. 163) “os jogos dos passos moldam espaços”.



⁶ É como alguns dos jovens praticantes de futsal na praça referem-se às bolas murchas, furadas e/ou sem os gomos que por vezes utilizam para a garantia dos jogos na quadra poliesportiva.



ENTRE EL ESPACIO CONCEBIDO Y EL ESPACIO VIVIDO: ESTRATEGIAS Y TÁCTICAS EN LA PLAZA DE LAS JUVENTUD, CANOAS / RS

RESUMEN

El barrio de Guajuviras de la ciudad de Canoas/RS, está recibiendo proyectos y programas relacionados a la Seguridad Pública en diferentes áreas. La urbanización de viviendas Pôr do Sol es la que más recibe inversiones. Este trabajo cuenta con personas que comprenden la infraestructura que enfatiza las prácticas de frequentadores y trabajadores en la Plaza de la Juventud, localizada en Pôr do Sol, profundamente implicadas a partir de un espacio concebido como proyección del ser social en un contexto atravesado por la temática de la violencia.

PALABRAS CLAVES: *Plaza de la Juventud, espacio concebido, espacio vivido, personas como infraestructura.*

BETWEEN THE CONCEIVED SPACE AND THE LIVING SPACE: STRATEGIES AND TACTICS IN THE YOUTH SQUARE, CANOAS / RS

ABSTRACT

Guajuviras in Canoas, RS has been the target of projects and programs related to public safety in several areas. The Por do Sol allotment is the region that receives more investments. This work turns around the notion about people as infrastructure, which emphasizes the practice of goers and workers in the Youth Square, at Por do Sol zone, that is deeply involved from a space designed as a projection of the social being in a contexto crossed by the theme of violence.

KEYWORDS: *Youth Square, designed space, lived space, people as infrastructure.*

REFERÊNCIAS

- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- FONSECA, C. *et al. Apresentação*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 9-34, jul./dez. 2016.
- LARKIN, B. "The Politics and Poetics of Infrastructure." *Annual Review of Anthropology*, 42, p. 327-343, 2013.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. Translated by Donald Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1991.
- SIMONE, A. *People as infrastructure: intersecting fragments in Johannesburg*. Public Culture. 16(3), p. 407-429, 2004.
- STAR, S. L. *Ethnography of Infrastructure*. American Behavioral Scientist, Thousand Oaks, v. 43, n. 3, p. 377-391, 2010.

